

A psicoterapia humanista, fenomenológica e existencial: Revisão sistemática qualitativa da literatura

Humanistic, phenomenological and existential psychotherapy: Qualitative systematic literature review

La psicoterapia humanista, fenomenológica y existencial: Revisión sistemática cualitativa de la literatura

Psychothérapie humaniste, phénoménologique et existentielle : Revue systématique qualitative de la littérature

 10.5020/23590777.rs.v24i3.e14159

Bruna Alves Schievano  

Mestre em Processos Psicossociais em Saúde e Educação pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (2022) e graduada em Psicologia pela mesma instituição (2019). Especialização Lato Sensu em Psicologia Clínica Humanista, Fenomenológica e Existencial.

Tommy Akira Goto  

Doutor em Psicologia como Profissão e Ciência pela PUC-Campinas (2007), Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2002) e Graduado em Psicologia pela Universidade São Marcos (1998).

Resumo

Realizou-se uma revisão sistemática qualitativa da literatura sobre como os terapeutas vinculados às psicoterapias humanistas, fenomenológicas e existenciais têm aplicado o método fenomenológico na psicoterapia, visando averiguar como procedem, metodologicamente, nessa prática clínico-psicoterapêutica. Selecionaram-se artigos em português, completos e referentes ao período de 2011 a 2021, a partir de buscas nas bases de dados LILACS, PePSIC e SciELO-Brasil. Como palavras-chave, abordaram-se as seguintes: método fenomenológico AND psicoterapia OR clínica. O *corpus* foi constituído por 45 artigos, os quais foram analisados quanti (distribuição de artigos publicados; desempenho dos periódicos brasileiros; ranque dos psicólogos com maior índice de publicação; filiações institucionais dos autores e coautores) e qualitativamente em função das dimensões: (I) desenho metodológico empregado, (II) análise de dados, (III) método fenomenológico no fazer terapêutico. Os resultados apontam: maior produção de artigos em 2020; concentração de publicações em um periódico de orientação humanista; predominância de autores e universidades cearenses; e predominância de produções empíricas. A entrevista semiestruturada apresentou-se como instrumento mais utilizado para coleta de dados. Na análise de dados muito se recorreu ao proposto por Giorgi e Sousa, sendo o fenomenológico existencial-hermenêutico o método de análise mais citado nas pesquisas, que se baseou em diferentes autores. Os conceitos metodológico-fenomenológicos, estabelecidos desde a fenomenologia inaugural de husserl, aparecem nos artigos de forma diferente daquela explorada na fenomenologia filosófica, sendo atribuídos significados diversos como: postura (profissional), atitude de compreensão tomada pelo psicólogo, evidenciando seu modo de intervenção. Ainda, os autores tratam como sinônimos as ideias de *epoché*, redução, redução fenomenológica, com um significado geral de atitude/postura.

palavras-chave: fenomenologia, fenomenologia-existencial, método fenomenológico, psicoterapia humanista.

Abstract

A systematic qualitative review of the literature was carried out on how therapists linked to Humanistic, Phenomenological, and Existential Psychotherapies have applied the phenomenological method in psychotherapy, aiming to investigate how they proceed, methodologically, in this clinical-psychotherapeutic practice. Articles were selected in Portuguese, complete and referring to the period from 2011 to 2021, based on searches in the LILACS, PePSIC, and SciELO-Brasil databases. The following keywords were used: phenomenological method

AND psychotherapy OR clinical. The corpus consisted of 45 articles, which were analyzed quantitatively (distribution of published articles; performance of Brazilian journals; ranking of psychologists with the highest publication rate); institutional affiliations of the authors and co-authors) and qualitatively according to the dimensions: (I) methodological design used, (II) data analysis, (III) phenomenological method in therapeutic practice. The results indicate a higher production of articles in 2020, a concentration of publications in a humanistic journal, a predominance of authors and universities from Ceará, and a predominance of empirical productions. The semi-structured interview was the most widely used instrument for data collection. In data analysis, the proposal by Giorgi and Sousa (2010) was widely used, with the existential-hermeneutic phenomenological being the most cited analysis method in the research, which was based on different authors. The methodological-phenomenological concepts, established since Husserl's inaugural Phenomenology, appear in the articles in a different way from that explored in the philosophical Phenomenology, being attributed different meanings such as (professional) posture, attitude of understanding taken by the psychologist, highlighting his/her mode of intervention. Furthermore, the authors treat the ideas of epoché, reduction, and phenomenological reduction as synonyms, with a general meaning of attitude/posture.

Keywords: phenomenology, existential-phenomenology, phenomenological method, humanistic psychotherapy.

Resumen

Fue realizada una revisión sistemática cualitativa de la literatura sobre cómo los terapeutas relacionados a las Psicoterapias Humanistas, Fenomenológicas y Existenciales aplican el método fenomenológico en la psicoterapia, buscando averiguar cómo proceden, metodológicamente, en esta práctica clínico-psicoterapéutica. Fueron seleccionados artículos en portugués, completos y referentes al periodo de 2011 hasta 2021, a partir de búsquedas en las bases de datos LILACS, PePSIC e SciELO-Brasil. Como palabras clave, fueron enfocadas las siguientes: método fenomenológico AND psicoterapia OR clínica. El corpus fue constituido por 45 artículos, los cuales fueron analizados cuantitativamente (reparto de artículos publicados; rendimiento de los periódicos brasileños; clasificación de los psicólogos con mayor índice de publicación; afiliaciones institucionales de los autores y coautores) y cualitativamente en función de las dimensiones: (I) diseño metodológico empleado, (II) análisis de datos, (III) método fenomenológico en el hacer terapéutico. Los resultados indicaron: mayor producción de artículos en 2020; concentración de publicaciones en un periódico de orientación humanista; predominancia de autores y universidades cearenses, y predominancia de producciones empíricas. La entrevista semiestructurada se presentó como instrumento más utilizado para recogida de datos. En el análisis de datos los propuestos por Giorgi y Sousa (2010) fueron muy utilizados, siendo el fenomenológico existencial-hermeneúutico el método de análisis más citado en las investigaciones, basado en diferentes autores. Los conceptos metodológico-fenomenológicos, establecidos desde la Fenomenología inaugural de Husserl, aparecen en los artículos de forma diferente de aquella explorada en la fenomenología filosófica, siendo atribuidos diversos significados como: conducta (profesional), actitud de comprensión tomada por el psicólogo, evidenciando su modo de intervención. Aún, los autores tratan como sinónimo las ideas de epoché, reducción fenomenológica, con un significado general de actitud/ conducta.

Palabras clave: fenomenología; fenomenología-existencial; método fenomenológico; psicoterapia humanista.

Résumé

Une revue systématique qualitative de la littérature a été menée sur la manière dont les thérapeutes pratiquant les psychothérapies humanistes, phénoménologiques et existentielles appliquent la méthode phénoménologique en psychothérapie, afin de déterminer leur approche méthodologique, dans cette pratique clinique et psychothérapeutique. Des articles en portugais, complets et couvrant la période de 2011 à 2021, ont été sélectionnés à partir de recherches dans les bases de données LILACS, PePSIC et SciELO-Brasil. Les mots-clés suivants ont été abordés : méthode phénoménologique AND psychothérapie OR clinique. Le corpus se composait de 45 articles, analysés quantitativement (répartition des articles publiés, performance des revues brésiliennes, rang des psychologues ayant le taux de publication le plus élevé, affiliations institutionnelles des auteurs et coauteurs) et qualitativement selon les dimensions suivantes : (I) conception méthodologique employée, (II) analyse des données, (III) méthode phénoménologique dans la pratique thérapeutique. Les résultats indiquent une plus grande production d'articles en 2020, une concentration des publications dans une revue d'orientation humaniste, ainsi qu'une prédominance des auteurs et des universités du Ceará, et des productions empiriques. L'entretien semi-structuré a été présenté comme l'instrument le plus utilisé pour la collecte de données. Dans l'analyse des données, on a largement recours à celle proposée par Giorgi et Sousa (2010), dont la phénoménologie existentielle herméneutique est la méthode d'analyse la plus citée dans les recherches, qui s'appuie sur différents auteurs. Les concepts méthodologiques et phénoménologiques, issus de la phénoménologie inaugurale de Husserl, apparaissent dans les articles sous une forme différente de celle explorée en phénoménologie philosophique, se voyant attribuer des significations variées, telles que : posture (professionnelle) et attitude de compréhension adopté par le psychologue, mettant en évidence son mode d'intervention. Pourtant, les auteurs traitent comme synonymes les notions d'époché, de réduction et de réduction phénoménologique, les associant à un sens général d'attitude/posture.

Mots-clés: phénoménologie, phénoménologie existentielle, méthode phénoménologique, psychothérapie humaniste.

O movimento estadunidense da *terceira força*, da psicologia humanista, surgiu e se desenvolveu, sobretudo como prática psicoterápica, constituída, outrossim, por concepções teórico-clínicas. Muitas dessas psicologias humanistas tiveram sua aparição devido a críticas ao modelo hegemônico da ciência natural e da clínica médica, justificando, assim, suas abordagens psicoterápicas e construindo seus embasamentos teóricos, a partir da filosofia da Fenomenologia e do movimento existencialista. Como se sabe, a fenomenologia desenvolvida por Edmund Husserl (1859-1938) consiste em uma filosofia cujo projeto radical está no retorno à subjetividade transcendental e ao mundo-da-vida (*a priori da correlação*), buscando recuperar, metodologicamente, na investigação filosófica, a origem de todas as vivências, fazendo uma crítica em torno da predominância do naturalismo sobre o psiquismo (Husserl, 1954/2012), evidenciando problemas na constituição epistemológica do psicologismo e da psicologia científica como psicologia fundamental, e tendo como princípio fundamental “voltar às coisas mesmas” (Goto et al., 2018).

Inicialmente, ao ser aplicada à prática clínica por psiquiatras como Karl Jaspers (1883-1969) e Ludwig Binswanger (1881-1966), a fenomenologia filosófica passou a influenciar na fundamentação da “psicopatologia fenomenológica”, abrindo a possibilidade de construção de conceitos, a partir da descrição de como fenômenos psíquicos se apresentam à experiência consciente. Ainda, seus aportes teóricos serviram como base teórico-metodológica para a fundamentação de algumas das abordagens, principalmente as estadunidenses, como as psicologias humanistas, que passaram a ser identificadas na continuidade como “fenomenológicas” e outras como “existenciais” (Besora, 1986; Krüger, 2014; Goto, 2015).

Diante desse breve registro histórico e da consolidação das chamadas “Abordagens Humanistas, Fenomenológicas e Existenciais”, destaca-se que, atualmente, tem-se levantado questões sobre a relação entre essas abordagens e suas escolas com a fenomenologia filosófica. Como, destacam Goto (2015) e Orengo et al. (2020a e 2020b), apesar de históricas, a relação entre a fenomenologia e a psicologia humanista ainda é pouco compreendida em termos epistemológicos e clínicos, uma vez que, em suas teorias, essas filosofias parecem ter sido apropriadas de forma geral, não como método rigoroso ou fundamentação psicológico-fenomenológica. Diferentemente disso, foram recolhidas como “visão de mundo e de ser humano”, promovendo certas confusões e equívocos conceituais presentes até hoje entres os psicólogos, como mostram os estudos recentes (Krüger, 2014; Orengo et al., 2020a, 2020b).

Destarte, quando se aborda as “Práticas das Psicoterapias Fenomenológicas, Humanistas e Existenciais”, tem-se a intenção de tratá-las como uma psicoterapia com práticas estabelecidas de uma teoria específica. No entanto, por outro lado, o que se encontra é uma denominação geral que inclui diversas práticas psicoterapêuticas com diversas fundamentações, diferentes entre si, sendo umas mais próximas à fenomenologia e ao existencialismo, e outras mais distantes por utilizarem outros métodos, inclusive os naturalistas e empíricos.

Sobre a fenomenologia, cabe ressaltar que se constituiu, em seu desenvolvimento, mais que uma “escola” filosófica, mas que, diferentemente, configurou-se como um “movimento fenomenológico”, como nomeou Spiegelberg (1982). Um movimento porque, segundo Spiegelberg (1982), a ideia de fenomenologia, desde sua aparição com Edmund Husserl, passou por certas modificações com o próprio Husserl e com outros fenomenólogos. Nesse sentido, a fenomenologia é a história da fenomenologia e o relato de suas “heresias”, como afirmou Ricoeur (2009). Todavia, como destaca Spiegelberg (1982), todas essas modificações (ou heresias) são “fenomenológicas” porque têm “um ponto de partida comum, mas não precisam ter um destino comum definido e previsível”, sendo “compatível com o caráter de um movimento que seus componentes ramificam em diferentes direções” (Spiegelberg, 1982, p. 2). Ou, como afirmou Paul Ricoeur: “Husserl não é toda a fenomenologia, embora seja de certa maneira o seu nó” (Ricoeur, 2009, p. 7).

Diante desses posicionamentos, procurou-se aqui compreender como a fenomenologia, especialmente o “método fenomenológico”, foi apropriada, compreendida e difundida entre os autores na psicoterapia até o momento atual. Desse modo, objetivou-se identificar, a partir de estudos publicados (artigos), como os autores vinculados às “Psicoterapias Humanistas, Fenomenológicas e Existenciais” têm concebido com o método fenomenológico e utilizado na prática da psicoterápica, com o intuito de averiguar as modalidades e tendências, como também identificar proximidades ou distanciamentos com o método husserliano.

Método

A revisão sistemática qualitativa da literatura (RSQL) foi adotada como método que engloba, de modo geral, os seguintes passos: delimitação da questão pesquisada, escolha das fontes de dados e a eleição das palavras-chave, a busca e o armazenamento dos resultados, passando pela seleção de artigos (de acordo com critérios de inclusão e exclusão). Realizada a extração dos dados desses artigos, esses foram sintetizados e interpretados (Akobeng, 2005). Tal método tem o compromisso de responder a uma pergunta específica, e busca a superação de vieses por meio de um método rigoroso (Rother, 2007; Batista & Kumada, 2021).

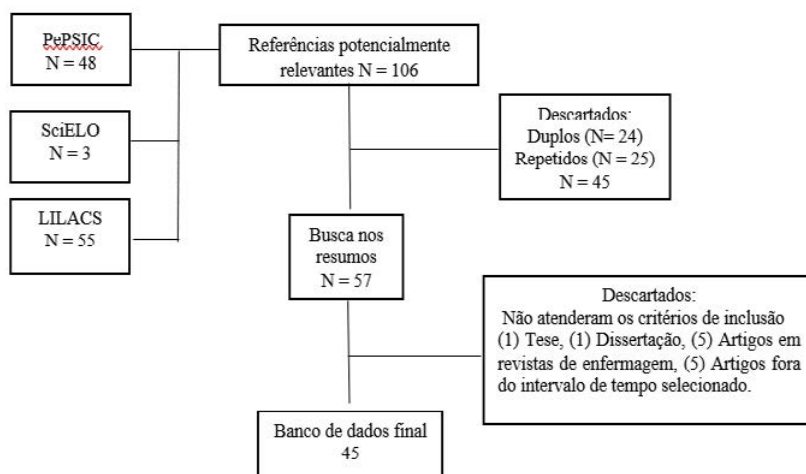
Procedimentos

Delimitou-se a seguinte questão: como as práticas das psicoterapias fenomenológicas, humanistas e existenciais têm lidado com o método fenomenológico em psicoterapia? Em seguida, conduziu-se uma revisão sistemática nas bases de dados eletrônicas do *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). O levantamento foi realizado entre os dias 12 de dezembro de 2021 e 30 de junho de 2022, sendo esse o período de coleta e tabulação dos dados. A base SciELO foi utilizada por ser considerada como o maior provedor de periódicos indexados de acesso aberto do mundo. A PePSIC por ser uma fonte ligada à Biblioteca Virtual em Saúde que divulga apenas periódicos e artigos em psicologia. A LILACS, no que lhe concerne, por ser uma base de dados especializada na área da saúde, com literatura científica e técnica, com acesso livre e gratuito. Assim, essas três bibliotecas atendem às necessidades da pesquisa, pois se encontra amplitude e representatividade na circulação de artigos científicos relacionados à psicologia no Brasil.

A busca nas bases foi realizada utilizando a *string* (método AND fenomenológico) AND (psicoterapia OR clínica), com os índices selecionados: título, resumo, assunto e descritor de assunto. A seleção inicial resultou em 106 referências potencialmente relevantes, conforme indicado na Figura 1. Selecionaram-se os artigos de acordo com os seguintes critérios de inclusão: a) versar sobre algum tema ou pesquisa de orientação fenomenológica na psicoterapia ou abordar o método fenomenológico em sua pesquisa teórica e/ou na psicoterapia; b) ser um artigo completo de natureza teórica ou empírica; c) idioma em língua portuguesa; d) estar indexado em periódicos da área da psicologia.

Figura 1

Estratégia de busca



Nessa busca, foram encontrados 106 artigos, sendo quatro na base SciELO, 48 artigos na PePSIC e 55 na LILACS. Analisaram-se os artigos de acordo com os seguintes critérios de exclusão: a) publicações feitas em periódicos estrangeiros foram excluídas, visto que se busca a produção brasileira; b) artigos publicados antes de 2011 não foram incluídos, optou-se pela produção de 10 anos na área, assim como foram excluídos aqueles produzidos a partir de 2022, uma vez que ainda estão organizando os volumes do ano corrente, não possibilitando uma visão geral do que foi produzido durante o ano. Assim, a delimitação temporal da coleta foi estabelecida de 2011 até 2021.

Excluíram-se artigos duplicados ($N = 24$) e repetidos ($N = 25$), além de uma dissertação, uma tese, quatro artigos indexados em revistas de enfermagem, sendo dois deles artigos de reflexão. Para além disso, cinco artigos foram descartados, pois não estava dentro do intervalo de tempo selecionado. Em seguida, extraíram-se os dados desses artigos em uma planilha, de acordo com ano de publicação, título do estudo, nome dos autores e coautores, filiação do(a) primeiro(a) autor(a), periódico de publicação e tipo de estudo (teórico ou empírico). Na Figura 1 apresenta-se o fluxograma que descreve o plano de seleção de artigos que resultou na amostra bibliográfica final (Akobeng, 2005) (vide Figura 1).

O banco final de artigos ($N = 45$) serviu como fonte para o objetivo da pesquisa, sendo os artigos categorizados de acordo com a distribuição: temporal; de desempenho dos periódicos brasileiros; ranque dos psicólogos com maior índice de produção; filiações institucionais dos autores e coautores. Em um segundo momento, realizou-se uma análise qualitativa aprofundada, envolvendo a identificação das seguintes dimensões de análise: (I) desenho metodológico empregado, (II) análise de dados, e (III) método fenomenológico no fazer terapêutico.

Resultados e Discussão

Os resultados foram organizados relacionados à distribuição de artigos sobre o método fenomenológico nas práticas das Psicoterapias Fenomenológicas, Humanistas e Existenciais no Brasil, publicados no ano de 2011 até 2021. Tem-se que o ano de 2020 reúne o maior número de publicações ($N=9$; 20,0%), correspondendo ao ano mais produtivo. Ao se ponderar sobre os possíveis motivos dessa alta produtividade, nota-se que a *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia* publicou um *Dossiê*, intitulado: Psicologia e Fenomenologia. Já a Revista da Abordagem Gestáltica como edição especial, visto a grande produção do ano de 2020, apresentou um editorial com temáticas sobre os sentidos da psicoterapia e supervisão em clínica fenomenológica, dentre outros.

Outra constatação significativa refere-se ao desempenho dos periódicos brasileiros na publicação de artigos sobre a psicoterapia e método fenomenológico. A *Revista da Abordagem Gestáltica* concentra quase a metade de publicações, com o total de 20 artigos publicados (44,44%). Em segundo lugar está a *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que possui uma porcentagem quase quatro vezes inferior, classificada como segunda colocada (13,33%). Como é sabido, a *Revista da Abordagem Gestáltica* tem orientação editorial focada na publicação de artigos de orientação humanística, fenomenológica e existencial no campo da psicologia, o que pode demonstrar a preferência dos autores pela publicação nessa revista, fazendo com que a visibilidade ao público de outras abordagens psicológicas seja afetada.

Já as Revistas *Estudos e Pesquisas em Psicologia* e *Rede do Instituto e Gestalt-Terapia* (IGT na Rede) possuem a mesma quantidade de artigos publicados, ao mesmo tempo que não se restringem a publicações que se relacionam ao âmbito da fenomenologia, tendo foco em artigos inéditos da área da psicologia. A primeira revista do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) conta com os trabalhos desenvolvidos por autores como Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo, que também coordena o projeto de extensão Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial (LAFEPE). Por fim, a Revista IGT na Rede do Instituto e Gestalt-Terapia e Atendimento Familiar trata de temas, em especial, voltados ao referencial gestáltico, lidando com diferentes expressões filosóficas, teóricas e práticas da gestalt-terapia.

Já com relação à publicação dos autores ($N=92$) nos periódicos analisados, tem-se um ranque com quatro autores com maior índice de publicação, sendo que os demais produziram um ou dois artigos cada. Georges Daniel Janja Bloc Boris (UNIFOR) se destaca com quatro publicações, sendo o primeiro colocado. Esse autor direciona seus estudos à temática de grupo, além de ser um dos tradutores da obra de Fritz Perls (1893-1970) no Brasil (Castelo-Branco & Farias, 2020). Na sequência, apresentam-se três autores, com três publicações cada um: Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UFRJ), representante da Psicologia Existencial e *Daseinsanalyse* no Brasil, e que está à frente de vários movimentos institucionais (IFEN e Congressos de Psicologia Existencial), trabalhando com temáticas da psicologia clínica, como o luto, suicídio etc. Adriano Holanda (UFPR), editor-chefe da *Phenomenological Studies – Revista da Abordagem Gestáltica*, coordenador do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (LabFeno), que tem aplicado o método fenomenológico-empírico para compreender vários tipos de experiências, como fenômenos empíricos e os da psicoterapia, voltando-se para um campo da psicologia aplicada (Holanda, 1997). Por fim, Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR), que tem trabalhado com a “Psicologia Fenomenológica” e se dedicado ao estudo da “Fenomenologia Crítica”, apresentando articulações aplicadas aos temas clínicos, como o luto e suicídio. Ademais, apesar de Virginia Moreira aparecer em quinta posição nas publicações, de acordo com DeCastro e Gomes (2011, como citado em Castelo-Branco & Cirino, 2017, p. 05) “é apontada como pesquisadora de destaque na produção de artigos que fazem uso do método fenomenológico empírico”. Por fim, de acordo com Castelo-Branco e Farias (2020), esses autores podem ser vistos como figuras de produção, pois expandem e renovam o campo da ACP e da GT, não tentando apenas explicitar o tema da fenomenologia na psicoterapia.

Também foi realizado um levantamento de universidades a que se filiam os 92 autores, e uma investigação sobre a filiação institucional de cada autor e dos coautores dos artigos. Apesar de outras instituições também terem aparecido, optou-se por apresentar aqui apenas aquelas que publicaram três ou mais artigos sobre a psicoterapia e método fenomenológico, cuja aplicação do método está relacionado com pesquisas qualitativas em psicologia. A Universidade de Fortaleza (UNIFOR) apresentou o maior número de autores filiados, seguida por Universidade Federal do Paraná (UFPR), ambas representando 32,58% da produção nacional. A UNIFOR, em outra revisão sistemática, foi indicada como instituição protagonista em produções humanistas, com a maior produtividade nacional de artigos sobre a psicologia humanista de Rogers (Castelo-Branco & Cirino, 2017). Tal fato se justifica a partir da existência de uma linha de pesquisa, no mestrado e doutorado, que incorpora psicopatologia e psicoterapia humanista e fenomenológica, também por influência de professores como Virginia Moreira e Georges Boris. Tais professores trabalharam por muitos anos na UNIFOR, bem como ajudaram na formação de outros pesquisadores, como Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR) – coordenador do “Laboratório de Psicopatologia e Psicoterapia Humanista Fenomenológica” (Apheto) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) –, e Thabata Castelo Branco (USP-RP/UNIFOR). Esse grupo desenvolveu uma variante do método fenomenológico empírico de Giorgi (1997/2008) com base em M-Ponty (1908-1961), intitulado “método fenomenológico crítico”, sendo bastante empregado em pesquisas clínicas,

na perspectiva qualitativa. Tal método aproxima a etnografia com a fenomenologia a partir do conceito de *Lebenswelt*, contribuindo para a discussão metodológica de estudos de casos.

A Universidade Federal do Paraná (UFPR) tem representantes importantes nessas produções nacionais, como Adriano Holanda e Joanneliese de Lucas Freitas, além do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (LabFeno), onde se estuda a psicopatologia fenomenológica, estudos empíricos em psicoterapia existencial, dentre outros temas clínicos em geral, como promoção de saúde. Com isso, destaca-se que essas instituições lançam tendências de estudos fenomenológico-empíricos, e seus autores podem ser vistos como expoentes dessa produção. Tais instituições apresentam uma perspectiva mais originária que dos estadunidenses, voltando-se para o trabalho de M-Ponty, tentando compreender o método fenomenológico dentro de uma clínica fenomenológica existencial, buscando uma fundamentação empírica de certas compreensões dentro da psicoterapia fenomenológica existencial.

No segundo momento de análise, fez-se uma leitura aprofundada sobre o conteúdo de cada artigo, e, com o intuito de responder ao objetivo proposto, seguem as seguintes dimensões de análise: (I) desenho metodológico empregado, (II) análise de dados, e (III) método fenomenológico como recurso terapêutico.

(I) Quanto aos resultados relativos a primeira dimensão de análise, notou-se a hegemonia de artigos de vertente empírica ($N=29$; 64,44%), em relação aos artigos de vertente teórica ($N=16$; 35,55%). Os artigos de maior incidência são pesquisas empíricas realizadas no campo da psicoterapia, que analisam temas específicos presentes na clínica psicológica. Todos os artigos de vertente empírica utilizaram o “método fenomenológico” como instrumento de coleta de dados, principalmente nas entrevistas semidirigidas/semiestruturadas, denominadas como: entrevistas fenomenológicas; entrevista não-diretiva-ativa; entrevista-aberta; entrevista narrativa; entrevista fenomenológica aberta, perguntas norteadoras (pergunta/ questão disparadora, questão norteadora, pergunta que mobiliza a experiência), e questionários sociodemográficos.

Nota-se que, inicialmente, não existe um consenso na nomenclatura adotada (Bloc et al., 2017), uma vez que o termo “fenomenologia” vem sendo empregado de maneira geral e ampla, tanto como método, mas quanto uma “maneira ou estilo” de pensar. Tal ponto, evidencia certa divergência do método fenomenológico que tem um desenho metodológico definido e rigoroso, uma vez que a fenomenologia, afirmou Husserl, “(...) não tem apenas que desenvolver o método de obter novas espécies de coisas para novas espécies de conhecimento, ela tem de proporcionar a mais perfeita clareza sobre o sentido e a validade desse método, que a capacite a rechaçar todas as objeções sérias” (Husserl, 1913/2006, p. 144).

Os artigos selecionados retomam o método fenomenológico, inclusive o husserliano, a partir de citações diretas e/ou indiretas, aplicando-os ao modo de fazer a pesquisa específica. Esse quesito aparece, por exemplo, no modo de acolher o participante da pesquisa, que estabelece colocar “em suspenso seus *a priori*s e questões próprias para tornar possível uma escuta especializada” (Carvalho et al., 2015, p. 8). Ou, ainda, que “a fenomenologia busca clarear o fenômeno (...)”. Para isso, é preciso que, diante de um relato, coloquem-se ideias e pré-conceitos entre parênteses, ou seja, suspendem-se os pré-julgamentos para que o fenômeno em si, enquanto natureza pré-reflexiva, possa ser dado. Faz-se, então, a chamada redução fenomenológica (Menezes et al., 2014, p. 267).

Outro ponto de destaque aparece com relação às pesquisas empíricas que aparecem com modificações epistemológicas produzidas, principalmente, a partir do psicólogo americano Amedeo Giorgi (Feijóo & Goto, 2016). Nesse sentido, confirma-se a assertiva colocada por Amatuzzi (2009) de que a abordagem qualitativa de enfoque fenomenológico-empírico é muito utilizada nas linhas de pesquisa humanistas e existenciais. Desse modo, e como ressaltam DeCastro e Gomes (2011), o caráter empírico da pesquisa fenomenológica se apresenta a partir da utilização dos dados advindos de entrevistas, observações etc. Observa-se também que as pesquisas qualitativas, basicamente, buscam compreender certos fenômenos nos termos dos significados (hermenêuticos) atribuídos pelos participantes, visando dar voz e ressaltar seus pontos de vista. Com isso, destaca-se que em nenhum artigo recorreu-se ao método proposto por Husserl. Diferentemente, o que se evidenciou foram as referências metodológicas de autores que propõem modificações do método fenomenológico original, adaptados às pesquisas empíricas. É importante ressaltar que Fenomenologia privilegia, conforme afirma Husserl, de modo único, “a esfera eidética da própria consciência fenomenologicamente purificada” (Husserl, 1913/2006, p. 136) e isso significa que a análise fenomenológica está em uma “orientação eidética”, cuja relação com o real, como todo mundo físico e psíquico, é posta fora de circuito.

Dentre o total de estudos encontrados, 14 colocavam possibilidades de um diálogo entre a Gestalt-Terapia e seus pressupostos/conceitos voltando-se tanto para a prática clínica, como também para questões teóricas, buscando fundamentar suas práticas por meio da aplicação de conceitos, como: *awareness*, aqui-agora, contato e funções de contato e sua relação com a fenomenologia em um sentido muito amplo. Nota-se que dentre os 14 trabalhos que traziam a GT, oito tratava-se de estudos teóricos, enquanto seis eram empíricos.

Quanto ao restante de estudos teóricos, esses versavam acerca de temáticas bastante distintas, mas todos focados em esclarecer o pensamento fenomenológico e/ou existencial e/ou sobre como conceber e atuar na prática clínica psicológica, refletindo sobre seus limites e possibilidades. Como conceitos e formas de atuação mais explorados, aparecem a importância da suspensão por parte do psicólogo, além de uma postura ética e atenta ao paciente e o significado do que é apresentado durante a sessão.

Dessa forma, os artigos teóricos estavam divididos entre aqueles que se voltavam à Gestalt-Terapia e a outros com cunho mais existencial-fenomenológico, evidenciando uma tendência entre os autores brasileiros, que acabam aderindo ao

modelo estadunidense. Ou seja, as bases filosóficas da fenomenologia e do existencialismo recorrendo às fontes originárias (como Husserl, Heidegger, M-Ponty, Sartre, entre outros). Isso evidencia uma manifestação humanista, local e brasileira que é diferente justamente por acentuar os aspectos filosóficos da fenomenologia (Castelo-Branco, 2020).

Quanto a segunda dimensão (II), isto é, como o método fenomenológico foi apresentado e concebido como norteador de um pensamento metódico na análise dos dados, dentre o total de estudos empíricos e teóricos, tem-se que 11 utilizaram a metodologia proposta por Giorgi (1997/2008), e Giorgi e Sousa (2010), apresentando os quatro passos dessa análise. Desses artigos, três não citam outros instrumentos. Em outros oito estudos há uma associação com outros métodos qualitativos (fenomenológicos e não fenomenológicos/objetivos), com diferentes autores como referência (Amatuzzi, 2010; Andrade & Holanda, 2010; DeCastro & Gomes, 2011; Forghieri 1993; Gomes, 1997; Martins & Bicudo, 2005 Merleau-Ponty 1964/2009).

Em contrapartida, o método fenomenológico elaborado por Amatuzzi (2010) apareceu em cinco pesquisas, sendo também acrescentados outros instrumentos para coleta de dados: entrevista não diretiva de Mucchielli (1991); entrevista fenomenológica com pergunta mobilizadora (Ranieri & Barreira, 2010); entrevista estruturada para obtenção de dados sociodemográficos e uso da versão de sentido que tem sua base na fenomenologia da linguagem de Merleau-Ponty e em Martin Buber; uso de entrevistas não diretiva ativa com pergunta disparadora, e por fim; uso da versão de sentido e apresentação de análise fenomenológica em quatro passos (não se nomeou um método específico).

Dentre o total de artigos selecionados, 24 utilizaram o método fenomenológico existencial-hermenêutico para a análise, a partir de diferentes autores, no entanto, dentre esses, 15 não apresentavam instrumentos para a coleta de dados. Autores como Heidegger (1927/2012), Merleau-Ponty (1964/2009), Forghieri (1993), Moreira (2009), Van Manen (1990), Feijoo e Mattar (2014) foram os citados. Nessa mesma perspectiva fenomenológica-hermenêutica, mas em um viés empírico, identificaram-se nove estudos que apresentavam instrumentos para a coleta de dados, aliando o método fenomenológico de diferentes autores a entrevistas e dinâmicas de grupo para coleta de dados. Quanto às demais pesquisas, cada uma se amparou por métodos fenomenológicos de análise diferentes, como: a) método fenomenológico de Sanders, b) análise fenomenológica interpretativa de Breakwell et al (2010), c) método fenomenológico proposto por Clark Moustakas (1994), d) método fenomenológico de Trindade, Menandro e Gianórdoli-Nascimento (2007), e) método fenomenológico de orientação semiótica. Esses, de forma geral, evidenciam uma estrutura semelhante entre si, uma vez que dividem o método fenomenológico em quatro partes/fases.

Como se sabe, método de análise fenomenológico-empírico de Giorgi (1997/2008) e Giorgi e Sousa (2010) busca fomentar uma psicologia de inspiração fenomenológica husserliana, considerando um fazer científico a partir da descrição qualitativa dos fenômenos estudados, mas focando na experiência (Amatuzzi, 2009). Numa revisão integrativa da literatura (Moreira & Souza, 2016), deparou-se com uma escassez de produções publicadas em periódicos científicos acerca do método fenomenológico empírico proposto por Giorgi, o que pode evidenciar um aumento de publicações com esse método desde 2016. O segundo método mais proposto são os de perspectiva fenomenológico-hermenêutico-existenciais que se basearam em diferentes filósofos e intérpretes.

Tem-se que o método vem sendo apresentado de diferentes maneiras, mas “no geral, a literatura específica desta área se refere ao método no singular” (Moreira, 2004, p.447), uma vez que o método fenomenológico sofre variações, de acordo com o pensamento filosófico que o sustenta. No mais, lembra-se a crítica apontada por May (1976, p. 27): “o perigo de ecletismo feroz nessas abordagens fenomenológicas e existenciais da terapia, quando elas são usadas sem o rigoroso estudo clínico e o pensamento que precedem qualquer especialidade”.

Ainda, o método fenomenológico-empírico de Giorgi se trata de um método empírico mais hermenêutico que aquele sugerido por Husserl como fenomenologia psicológica, visto que consolida as experiências pelos seus significados. Nesse sentido, apesar do pesquisador romper com a atitude natural, esse atribui significado ao que foi relatado pelos sujeitos, fazendo com que a redução seja parcial (Feijóo & Goto, 2016; Goto et al., 2019). Já com relação às “reduções fenomenológicas”, o método de Giorgi realiza uma redução incompleta, isto é, uma operacionalização adaptada do método fenomenológico ao empírico, pois não chega, de fato, à estrutura essencial de uma vivência psicológica, objetivo de uma investigação na psicologia. Assim, o método proposto atinge até o significado de uma experiência vivida.

De forma geral, as diversas descrições adaptadas e modificadas do método fenomenológico para a pesquisa em psicologia não recorrem à metodologia exposta por Husserl, diretamente, estas podem ser divididas em três categorias, como: I) autores-intérpretes, que adaptaram ou modificaram para a pesquisa empírica o método fenomenológico apresentado por Husserl, como Amedeo Giorgi, e Daniel Sousa; II) Autores brasileiros, que seguem a sua maneira os autores-intérpretes do método de Husserl como Mauro M. Amatuzzi, William B. Gomes, Adriano Furtado Holanda, Celina Andrade, Thiago Gomes de Castro, Cristiano Barreira; e III) autores-intérpretes que adaptaram ou modificaram para a pesquisa empírica a fenomenologia hermenêutica-existencial, como Max van Manen, Clark Moustakas, Glynis M. Breakwell, Sean Hammond, Chris Fife-Schaw, Jonathan A. Smith e, no âmbito brasileiro, Yolanda C. Forghieri, Virginia Moreira, Ana Maria Feijoo, Cristiane Mattar, Zeidi Araujo Trindade e Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento. Apesar dessa dimensão não estar alinhada com o objetivo principal desta pesquisa, ao se fazer a busca de dados, encontraram-se exemplos cuja aparição do método fenomenológico acontece como método de pesquisa em conteúdos psicoterapêuticos.

Ainda, não foi identificada uma conceituação ou, mesmo, uma aplicação do método fenomenológico tal como propõe Husserl para a psicologia. Ou seja, do método fenomenológico-psicológico não há versões originais de outras propostas, como das fenomenologias hermenêuticas, mas há, por outro lado, propostas metodológicas com modificações para o empírico. Inclusive, essa é uma característica marcante nas pesquisas brasileiras (Orengo et al., 2020a, 2020b). Enfim, Husserl, ao analisar a questão do método fundamental na psicologia, afirma que “para alcançar o tema puro e próprio da ‘psicologia descritiva’ requerida é necessário um método exercido de modo inteiramente consciente que – neste contexto, como método da psicologia – denomino *redução fenomenológico-psicológico*”, ou seja, somente “via do método característico da *epoché* podemos alcançá-lo puramente” (Husserl, 1954/2012, p. 191).

Por fim, em relação a terceira dimensão, (III) foi possível identificar que a maior parte dos autores trabalhou com ideias e conceitos “fenomenológicos” atribuídos à prática psicoterapêutica, mesmo que sem discutir suas demarcações e fundamentos de princípios. Nessa dimensão, identificaram-se trechos acerca do método fenomenológico no fazer terapêutico, sendo encontrados conceitos e ideias, como: *epoché*, atitude natural, redução fenomenológica e suspensão fenomenológica. Antes disso, é importante esclarecer que o método fenomenológico busca promover uma mudança de orientação/atitude (*Einstellung*) e, assim, alcançar uma outra compreensão dos fenômenos. Compreende-se, então, que sua proposta é de modificar a tese natural que situa a compreensão do fenômeno, adentrando na esfera fenomenológica, elevando “reflexivamente à consciência científica” a uma orientação/atitude fenomenológica (*phänomenologische Einstellung*). Para esse empreendimento, Husserl utiliza o artifício da *epoché*, que consiste em modificar tal orientação radicalmente, “colocando entre parênteses” a tese natural. Dessa forma, esse método analítico-reflexivo exige a modificação da significação natural dos fenômenos, especificamente com o recurso da *epoché*.

Assim, caberia ao psicólogo buscar, mediante à *epoché* psicológica, puramente psíquico, modificando, assim, a sua permanência na tese natural, libertando-o para conhecer o psíquico subjetivo. Aqui se instaura, então, a psicologia pura/fenomenológica, que possibilita uma via de conhecimento direto da vida psíquica e que inclui o conhecimento do homem como autêntico de seu ser e da vida psíquica, para, conseqüentemente, conhecer o mundo (Husserl, 1954/2012). Todavia, essa psicologia fenomenológica também se diferencia da fenomenologia, não em método, mas em propósito, porque ao psicólogo, como estabelece Husserl, cabe o conhecimento da interioridade psíquica e não o transcendental. Desse modo, e por assim dizer, interessa-lhe “o homem e as comunidade humanas que ocorrem no mundo”, bem como a vida psíquica e suas propriedades, somente naquilo que ocorre realmente no mundo. Assim, bastaria ao psicólogo o primeiro estágio da *epoché*, pois este não poderia deixar os humanos e suas referências a suas realidades (real), ao mesmo tempo em que “o psicólogo não pode deixar covaler aquilo que eles tomam por real” (Husserl, 1954/2012, p. 212).

Com isso, destaca-se que 14 estudos tiveram como objetivo a proposta de intervenção psicoterapêutica/ou de refletir sobre essa prática com o método fenomenológico. Em síntese os artigos traziam a prática psicoterapêutica, sob o enfoque gestáltico, tanto em grupos, como individualmente, assim como sobre a ética do cuidado envolvida nessa prática. Com isso, também são apresentadas as condições para essa prática, como a necessidade do psicoterapeuta de realizar a suspensão fenomenológica, colocando em suspenso seus *a priori* para tornar possível a escuta, a fim de se chegar ao fenômeno em si, pela redução fenomenológica. Repetidas vezes apresentou-se a importância de uma apropriação de uma “postura fenomenológica” diante de diversos temas relacionados à clínica psicológica, à formação do psicólogo e ao encontro desse e seu paciente. Também foram apresentadas propostas de autores como Heidegger e Sartre, que contribuíram com fundamentos para as práticas clínicas na: abordagem fenomenológica existencial; o psicodiagnóstico interventivo fenomenológico-existencial como ação clínica do psicólogo; apresentação de casos clínicos para a compreensão e intervenção; a revisão e reflexão de conceitos como a consideração positiva incondicional como *epoché* e de como atendimento atualizante se manifesta na prática clínica. O estudo de Oliveira e Borba (2019, p. 168) chamou especial atenção por expor que a fenomenologia “permite a atitude de inclinação do profissional psicólogo rumo à clarificação dos fundamentos de suas práticas”, afirmando que “Fenomenologia designa um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica” (Husserl, 1907/2000 como citado em Oliveira & Borba, 2019).

Assim, o método fenomenológico foi apresentado à prática do psicólogo, bem como para a análise de casos clínicos. No entanto, e apesar de serem destacados apenas estudos específicos, menções à prática psicoterapêutica podem ser encontradas em todos os artigos, mesmo que brevemente. Com base nesses resultados, infere-se que o termo “método fenomenológico” ganha a forma de um adjetivo, concebendo-o como uma postura (profissional), uma atitude de compreensão tomada pelo psicólogo, evidenciando seu modo de intervenção. Como visto, a *epoché* fenomenológica não consiste em uma postura/atitude da pessoa, mas uma mudança de orientação que neutraliza a tese natural e suas teorias, mediante análise “descompromissada”, ou seja, sem compromissos naturais ou teóricos. No entanto, para isso, exige-se um exercício analítico descritivo-reflexivo que vai “parentetizando” (ato ou efeito de colocar entre parênteses) cada afirmação e juízo que está em jogo. Ao cogitar o método descritivo-reflexivo fenomenológico, no processo terapêutico, não se pode garantir mais uma relação terapêutica, pois o psicólogo estaria focando, única e exclusivamente, na interioridade de sua vida psíquica, dado o propósito da *epoché*.

De fato, o método fenomenológico, originalmente elaborado por Husserl, influenciou a criação de “métodos clínicos”, o que repercutiu em diferentes formatos de aplicação e entendimento. Contudo, como visto nos artigos encontrados, a

referência ao método fenomenológico se mostra diferente da proposta originária de Husserl (1913/2006), sendo ainda pouco rigorosa e com pouco/ninguém esclarecimento do desenho de seus recursos metodológicos, principalmente, ao mostrarem a aplicabilidade do método como recurso e atitude do psicólogo na psicoterapia. Ainda, toda afirmação e explicitação da atitude clínica como “fenomenológica”, a partir do método fenomenológico (*epoché e reduções*), parecem ignorar que, com esse recurso, além da “colocação entre parênteses” da tese natural de suas teorias e conceitos, cabe, ainda na verificação de todo juízo estabelecido, a busca de sua possível validade. Entende-se que, somente assim, o psicólogo pode se tornar um “observador desinteressado” e encontrar suas experiências, de fato, desobstruídas, tomadas sem nenhuma teoria e não possuindo nenhum valor. Nesse sentido, o fenomenólogo que busca conhecer e esclarecer originariamente o “fenômeno”, somente o faz a partir da neutralização da tese natural e suas teorias, ou seja, levar a cabo a *epoché* – com a identificação e verificação de cada juízo, valor etc. –, exercitando, reflexivamente, por assim dizer, a “colocação entre parênteses”.

Cabe destacar também que essas são características essenciais do “método fenomenológico”, ou seja, o “núcleo fenomenológico” em que estão presentes em todo movimento fenomenológico (Spiegelberg, 1982; Ricoeur, 2009). Diante disso, não se observou, nos artigos encontrados, uma exposição clara e rigorosa do método fenomenológico, de seus procedimentos adotados e desenvolvimento na aplicação na prática psicoterápica; apenas afirmações genéricas e sem explicitação específica de seu desenvolvimento, sem citar ou descrever o passo a passo. Ou seja, trata-se da maneira como foram utilizados e “aplicados” o método fenomenológico nesse fazer específico. Reduziram-se em apenas traçar jargões e explicações amplas do método, como por exemplo, “suspender seus *a priori*s e questões próprias” (Carvalho et al., 2015, p. 8) ou que “coloquem-se ideias e pré-conceitos entre parênteses, ou seja, suspendem-se os pré-julgamentos para que o fenômeno em si” (Menezes et al., 2014, p. 267) apresente-se sem detalhamento de como esses recursos são utilizados na prática psicoterapêutica.

Ainda, nos artigos o método fenomenológico, que é analítico e reflexivo, segundo Husserl (1913/2006), parece haver uma confusão entre a atitude, ou postura profissional, e a intenção do terapeuta. Talvez seja por isso que os autores acabam recorrendo aos conceitos clínicos presentes em determinadas abordagens, conceitos considerados, convencionalmente, fenomenológicos e existenciais. Aqui também não existe, por parte dos autores, a preocupação metódica de se verificar se esses conceitos teóricos, no interior das abordagens citadas, foram ou não conquistados, fenomenologicamente. Destarte, esses trabalhos resultam naquilo que se faz muito na psicologia, ou seja, a aceitação direta e acrítica de modelos teóricos (epistemológicos e ontológicos) e metodológicos provenientes de outras ciências e, em especial, da filosofia (Rey, 2013), para entender o fenômeno psíquico, e, conseqüentemente, as formas de intervenção. Por isso, torna-se importante esclarecer que a relação com o método fenomenológico no campo da psicoterapia talvez deva ser, nesse momento, mais de implicação que aplicação. Ou seja, trata-se de uma tentativa de não confundir posicionamentos científicos do psicólogo (análise descritivo-reflexiva) com suas atitudes e técnicas psicoterapêuticas com o esclarecimento dos principais conceitos encontrados nesse campo. Desse modo, “a fenomenologia designa um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica” (Husserl, 1907/2000, p.46).

Ainda, pensando em uma aplicação do método fenomenológico durante o processo psicoterapêutico, uma vez que esse método é, por excelência, descritivo e reflexivo, exigindo uma rigorosidade analítica, como mostra a elaboração husserliana, acabaria por existir uma neutralização do terapeuta como terapeuta, ou seja, não poderia se manter a qualidade de “ouvinte” atento e interessado. Isso porque a orientação/atitude fenomenológica, composta pela *epoché* e pelas reduções, diz respeito a uma autorreflexão criteriosa (Goto, 2015), não se estabelecendo na realidade empírica; muito embora as análises de Husserl tenham trazido elementos direcionados à compreensão da psicologia enquanto uma ciência da subjetividade e intersubjetividade, elementos esses que vão estar presentes em uma clínica de orientação fenomenológica (Goto, 2015).

Há, de fato, muitos os desafios quando se pensa acerca de ideais filosóficos para a psicologia, já que surgem algumas críticas sobre serem apenas uma adaptação dos princípios da filosofia para determinados fins do campo da psicologia. No entanto, vivenciados em uma prática clínica, esses princípios ultrapassam os conceitos, recursos meramente técnicos, caracterizando-se como uma atitude distinta frente à “mostração” dos fenômenos (Oliveira & Borba, 2019). Assim, parece que não seja coerente aplicar o método fenomenológico na prática da psicoterapia, diretamente como recurso psicoterapêutico, tendo em vista a sua elaboração e desenvolvimento como método de investigação e validação dos fenômenos (conceitos), tarefa particularmente introspectiva, racional e reflexiva. O exemplo disso é a própria ideia de fenomenologia, que, conforme Husserl, tem como elemento vital a “ficção”, “bem como todas as ciências eidéticas”, e “que a ficção é a fonte da qual o conhecimento das ‘verdades eternas’ tira seu alimento” (Husserl, 1913/2006, p. 154). Se a fenomenologia atua no campo da “ficção”, assim como o geômetra ou matemático, que produz suas análises no campo da imaginação, pode-se perceber que cabe ao psicólogo/psicoterapeuta se apropriar do método fenomenológico como investigação e pesquisa, mas não como instrumento terapêutico, por possuírem fundamentos de princípios diversos. Parafraseando Husserl (1913/2006), pode-se afirmar que, por maior que seja a importância metodológica que a psicoterapia possa reivindicar no caso da fenomenologia, por mais “fundamentos” essenciais que ponha à disposição daquela, a Fenomenologia é tão pouco psicologia/psicoterapia quanto a geometria é ciência da natureza.

Dessa forma, apesar do método fenomenológico ser apresentado como uma “postura” terapêutica diante do cliente, como foi visto, ele está para além dessa simplificação que confunde os fundamentos de princípios de ambas as áreas,

impossibilitando sua aplicação como método ou recurso terapêutico. Rollo May (1976) afirma que é impossível empregar o método fenomenológico husserliano no momento da psicoterapia, e que tal compreensão decorre de uma “má interpretação do ponto de vista existencial” (May, 1976, p. 25), isto é, que, diante de um outro, seja possível se abster de todos os conceitos e preconceções, mas que seja possível “tornar os próprios constructos suficientemente flexíveis, de modo que se possa escutar em termos dos constructos do paciente e ouvir na linguagem desse” (May, 1976, p. 26). Essa ideia condiz muito mais com o resultado da análise fenomenológica que com sua suposta utilização terapêutica, pois o resultado de uma análise fenomenológica (sentido epistemológico) pode modificar a condição ética do próprio psicólogo/psicoterapeuta que, ao buscar questionar sua prática e os fundamentos dessa, defronta com ética diante de si mesmo e com o outro (May, 1977).

Por fim, conclui-se que o método fenomenológico apresentado nas práticas psicoterapêuticas muitas vezes é apresentado de maneira superficial, apostando em uma ideia que a “atitude fenomenológica” condiz com a postura profissional do terapeuta, sendo um recurso terapêutico. Essa ideia é exposta e compreendida por diversos autores, por meio de conceitos filosófico-fenomenológicos que são confundidos por demarcações contingentes de domínios e de terminologia, não expondo os seus verdadeiros fundamentos de princípios, dificultando a compreensão e a profundidade da proposta, algo já verificado empiricamente em estudos (Orengo et al., 2020a, 2020b). Talvez, mais que ser um método terapêutico, o método fenomenológico na psicoterapia pode se estabelecer como um método que busca a validação e a evidência de seus conceitos, a partir da “descrição ao desvelamento originário dos sentidos na clínica psicológica” e de “[...] uma atitude que se desvela por meio de um caráter vivencial e de abertura” (Oliveira & Borba, 2019, p.163). Nesse sentido, toda investigação psicoterapêutica, no campo epistemológico, pode resultar em uma postura mais “fenomenológica” que implica, então, não em ser um método, mas em uma postura ética diante do outro.

Considerações Finais

Realizou-se uma revisão sistemática da qualitativa da literatura sobre como o método fenomenológico vem aparecendo nas práticas das psicoterapias Fenomenológicas, Humanistas e Existenciais, evidenciando suas modalidades e tendências com relação à prática da psicoterápica. No entanto, apesar de não ser o objetivo principal dessa pesquisa, salienta-se como essas práticas vêm aparecendo na pesquisa qualitativa em psicologia.

Os resultados apontam: maior produção de artigos em 2020; concentração de publicações na *Revista da Abordagem Gestáltica*, concentrando quase a metade de publicações; predominância de autores e universidades cearenses; predominância de produções empíricas, bem como do instrumento mais utilizado para coleta de dados a entrevista semiestruturada; uso recorrente do método fenomenológico empírico de análise, proposto por Amedeo Giorgi. Considera-se, também, o uso de outros métodos, uma vez que se basearam em diferentes autores, além das descrições sobre o método fenomenológico, que variam de acordo com o autor proposto para análise. Pode-se dividir esses métodos em três categorias: I) autores-intérpretes que adaptaram ou modificaram para a pesquisa empírica o método fenomenológico, apresentado por Husserl; II) autores brasileiros que seguem à sua maneira os autores-intérpretes; e III) autores-intérpretes que adaptaram ou modificaram para a pesquisa empírica a Fenomenologia hermenêutica-existencial. Assim, aparece uma característica marcante nas pesquisas brasileiras, o que já se tinha evidenciado em outras pesquisas (Orengo et al., 2020a, 2020b), em que o método fenomenológico apresenta várias adaptações no Brasil.

Ademais, não existe um consenso na nomenclatura e no entendimento no desenho metodológico, o que evidencia uma divergência do método fenomenológico proposto por Husserl, que tem um desenho metodológico bem definido e rigoroso. Também, em nenhum artigo se recorreu ao método fenomenológico proposto por Husserl propriamente dito. Assim, o método fenomenológico, com relação à pesquisa qualitativa em psicologia, tem sido relido por diferentes autores, e utilizado muitas vezes como instrumento para coleta de dados, como a entrevista fenomenológica. No entanto, salienta-se que também são utilizados outros instrumentos, como questionários, roteiro de entrevistas, fazendo com que exista uma metodologia mista.

Ainda, afirma-se que a redução realizada pelas pesquisas é parcial, pois não chegam às vivências psíquicas, esclarecendo apenas no sentido e significados das experiências, bem como os conceitos filosóficos propostos por Husserl, tais como: *epoché*, atitude natural, redução fenomenológica e suspensão fenomenológica são apresentados de forma que podem soar superficiais diante da complexidade do método filosófico proposto por Husserl. Como consequência ou causa disso há a crítica apontada por May (1976, p. 53): “(...) os conceitos em psicologia existencial prestam-se para ser usados no serviço do desligamento intelectualista (...)”, mas acabam cobrindo uma multidão de termos, que parecem ser os mais inexistentes, por proporcionarem uma aparência de trato com a realidade humana, podendo não estar fazendo isso. Nesse sentido, podem soar superficiais quando os conceitos fenomenológicos são reduzidos a atitudes e posturas, usadas sem o rigoroso estudo clínico e o pensamento que precedem, o que se deve tomar cuidado, a fim de não fazer da relação terapêutica uma relação de aplicação de conceitos.

Ademais, caberia ao psicólogo, segundo Husserl, o conhecimento da interioridade psíquica, interessando-lhe “o homem e as comunidade humanas que ocorrem no mundo”, e, assim, bastaria ao psicólogo o primeiro estágio da *epoché*, consistindo essa em uma mudança de orientação que neutraliza a tese natural e suas teorias. Para tanto, exige-se um exercício analítico descritivo-reflexivo que vai “parentetizando” afirmações e juízos em jogo.

Destarte, caso se cogitar no estabelecimento de tal atividade no processo terapêutico, não se pode garantir mais uma relação terapêutica, visto que o psicólogo estaria focando, única e exclusivamente, na interioridade de sua vida psíquica, dado que a *epoché* diz respeito a uma autorreflexão criteriosa (Goto, 2015), e não se estabelece na realidade empírica, como mostra a elaboração husserliana. Nesse sentido, passaria a existir uma neutralização do terapeuta, impossibilitando que se mantivesse a qualidade de “ouvinte” atento e interessado.

Como limites encontrados nesta revisão sistemática, tem-se que nem todas as revistas atuais com norte humanista e fenomenológico foram citadas, como por exemplo a *Revista Memorandum*. Já a *Revista NUFEN*, também sendo de extrema relevância na temática, teve apenas um artigo representado. Nesse sentido, mesmo que tenham sido pesquisadas “método fenomenológico” AND “psicoterapia OR clínica” como palavras-chave em todos os campos, é possível que estudos não tenham sido encontrados, visto que nem sempre esta informação está explicitamente colocada no texto e no resumo.

A quantidade de artigos analisados foi relativamente baixa, mas ainda é possível pensar o panorama brasileiro em psicologia. Por fim, a revisão proposta, para além de ampliar a compressão sobre o método fenomenológico e sua contribuição para a prática psicoterapêutica, refletiu acerca da utilização desse método nas pesquisas brasileiras, reafirmando a importância de que se estimulem discussões e reflexões críticas sobre a Fenomenologia e suas contribuições ao campo da psicologia e psicoterapia.

Por fim, os princípios husserlianos, quando vivenciados em uma prática clínica, ultrapassam recursos meramente técnicos, caracterizando-se como uma atitude capaz de modificar a condição ética do próprio psicólogo. Nesse sentido, não parece coerente aplicar o método fenomenológico diretamente na prática da psicoterapia como recurso psicoterapêutico, tendo em vista seu desenvolvimento como método de investigação e validação dos fenômenos, sendo essa uma tarefa introspectiva, racional e reflexiva.

Referências

- Akobeng, A. (2005). Understanding systematic reviews and meta-analysis. *Archives of Disease in Childhood*, *1*(90), 845-848. <https://doi.org/10.1136/adc.2004.058230>
- Amatuzzi M.M. (2010). *Por uma psicologia humana*. Alínea.
- Amatuzzi, M. M. (2009). Psicologia fenomenológica: Uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia*, *26*(1), 93-100. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100010>
- Andrade, C. C., & Holanda, A. F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, *27*(2), 259-268. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013>
- Batista, L. dos S., & Kumada, K. M. O. (2021). Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica. *Revista Brasileira de Iniciação Científica*, *8*, 1-17. <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rbic/article/view/113>
- Besora, M.V. (1986). La psicología humanista: Historia, concepto y metodo. *Anuario de Psicología*, *34*(1), 09-45.
- Bloc, L., Moreira, V., Chamond, J., & Wolf-Fédida. (2017). La relation d’implication (et non d’application) entre las phénoménologies philosophique et clinique : le point de vue d’Arthur Tatossian. *Bulletin de Psychologie*, *70*(4), 301-309. <https://shs.cairn.info/revue-bulletin-de-psychologie-2017-4-page-301?lang=fr&tab=cites-par>
- Breakwell, G. M., Hammond, S., Fife-Schaw, C., & Smith, J. A. (2010). *Métodos de pesquisa em psicologia* (3a ed.). Artmed.
- Castelo-Branco, P. C. C. (2020). A ideia da consideração positiva incondicional como epoché: Limites e suspensão do quê? *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *20*(spe), 1088-1107. <https://dx.doi.org/10.12957/epp.2020.56652>
- Castelo-Branco, P. C. C., & Farias, H. B. (2020). Cientometria e bibliometria do campo da abordagem centrada na pessoa e Gestalt-Terapia no Brasil: Análise das redes de autoria e produção. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, *1*(1), 18-43. <https://phenomenology.com.br/index.php/phe/article/view/6>
- Castelo-Branco, P. C., & Cirino, S. D. (2017). Circulação de artigos brasileiros sobre Carl Rogers: Ascensão, renascimento ou declínio? *Revista Subjetividades*, *17*(2), 1-11. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i2.5789>
- Carvalho, L. B., Alves, A. M. F., Passos, C. A., Lopes, F. G., Holanda, R. B., & Moreira, V. (2015). A ética do cuidado e o

- encontro com o outro no contexto de uma clínica-escola em Fortaleza. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 21(1), 1-12. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672015000100002&lng=pt&tlng=pt
- DeCastro, T., & Gomes, W. (2011). Aplicações do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: Tradições e tendências. *Estudos de Psicologia*, 28(2), 153-161. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200003>
- Feijoo, A. M. L. C., & Goto, T. A. (2016). É possível a fenomenologia de Husserl como método de pesquisa em psicologia? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(4). <https://link.gale.com/apps/doc/A535420609/IFME?u=anon~b5ed2250&sid=googleScholar&xid=cfec1f43>
- Feijoo, A.M. L. C., & Mattar, C. M. (2014). A fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(4), 417- 423. <https://www.scielo.br/j/ptp/a/YPGVfdBZzVfsgXYKQtHyYcN/?lang=pt>
- Forghieri, Y. (1993). *Psicologia fenomenológica: Fundamentos, método e pesquisas*. Pioneira.
- Giorgi, A. (2008). Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: Teoria, prática e avaliação. In J. Poupart, J. Deslauriers, L. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer, A. P. Pires, M. Jaccoud, A. Cellard, G. Houle, & A. Giorgi (Orgs.), *A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 386- 409). Vozes. (Originalmente publicado em 1997).
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Editora Sociedade Unipessoal.
- Gomes, W. B. (1997). A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. *Psicologia USP*, 8(2), 305-336. <https://doi.org/10.1590/S0103-65641997000200015>
- Goto, T. A., Costa, I. I., & Schievano, B. A. (2019). Vivências psicológicas de homens que buscam profissionais do sexo. Uma proposta de análise psicológico-fenomenológico. *Revista de Psicologia*, 10(1),90-104. <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/33703>
- Goto, T. A., Holanda, A. F., & Costa, I. I. (2018). Fenomenologia transcendental e a psicologia fenomenológica de Edmund Husserl. *Revista do NUFEN*, 10(3), 38-54. <https://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol10.n03artigo35>
- Goto, T. A. (2015). *Introdução à psicologia fenomenológica: A nova psicologia de Edmund Husserl*. Paulus.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e tempo*. Editora Vozes. Originalmente publicado em 1927
- Holanda, A. (1997). Fenomenologia, psicoterapia e psicologia humanista. *Estudos de Psicologia*, 14(2), 33-46. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X1997000200004>
- Husserl, E. (2000). A ideia da fenomenologia (pp.39-66) Ed. 70. (Original publicado em 1907).
- Husserl, E. (2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. Introdução geral à fenomenologia pura*. Ideias & Letras. (Original publicado em 1913).
- Husserl, E. (2012). *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental. Uma introdução à filosofia fenomenológica*. Editora Forense Universitária (Publicado originalmente em 1954)
- Krüger, H. (2014). Psicologia humanista. In S. F. Araújo, F. S. Caropreso, G. A. Castañon, & R. T. Simanke (Orgs.), *Fundamentos filosóficos da psicologia contemporânea* (pp. 165-198). Editora UFJF.
- Martins, J., & Bicudo, M. A. V. (2005). *A pesquisa qualitativa em psicologia: Fundamentos e recursos básicos* (5a ed.). Centauro.
- May, R. (1976). *Psicologia Existencial*. Globo.

- May, R. (1977). *Psicologia e dilema humano* (3a ed.). Zahar Editor.
- Menezes, K. J., Ovelar, S. O. A., & Oliveira, E. D. F. (2014). Gestalt-terapia e orientação profissional: Um relato de experiência. *Revista IGT na Rede*, 11(21), 261-281. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v11n21/v11n21a03.pdf>
- Merleau-Ponty, M. (2009). O visível e o invisível. Ed. Perspectiva (Original publicado em 1964).
- Moreira, V. (2004) O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 447-456. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300016>
- Moreira, V. (2009). *Clínica humanista-fenomenológica: Estudos em psicopatologia e psicoterapia*. Annablume.
- Moreira, R. B., & Souza, A. M. D. (2016). Contribuições do método fenomenológico empírico para estudos em psicologia no Brasil: Revisão integrativa da literatura. *Revista do NUFEN*, 8(1), 1-10. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912016000100002&script=sci_arttext
- Moustakas, C. (1994). *Phenomenological research methods*. Sage Publications.
- Mucchielli, A. (1991). *Les méthodes qualitatives*. P.U.F.
- Oliveira, T. C. A., & Borba, J. M. P. (2019). Contribuições da fenomenologia Husserliana para a psicologia clínica. *Revista do NUFEN*, 11(3), 154-169. <https://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº03ensaio52>
- Orengo, F. V., Holanda, A. F., & Goto, T. A. (2020a). Fenomenologia e psicologia fenomenológica para psicólogos brasileiros: Uma compreensão empírica. *Psicologia em Estudo*, 25, 1-16. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.45065>
- Orengo, F. V., Holanda, A. F., & Goto, T. A. (2020b). “Psicologia Fenomenológica” de Husserl – A (in)compreensão de psicólogos brasileiros: Um estudo empírico. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(4), 1066–1087. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.56651>
- Ranieri, L. P., & Barreira, C. R. A. (2010). A entrevista fenomenológica. *Anais do IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos*. <https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/46.pdf>
- Rey, F. L. G. (2013). O que oculta o silêncio epistemológico da psicologia? *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 8(1), 20-34. https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/Volume8_n1/PPP_Art_2.pdf
- Ricoeur, P. (2009). *Na escola da fenomenologia*. Vozes.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), 4-5. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- Spiegelberg, H. (1982). *The phenomenological movement: A historical introduction*. Martinus Nijhoff.
- Trindade, Z. A., Menandro, M. C. S., & Gianórdoli-Nascimento, I. F. (2007). Organização e interpretação de entrevistas: Uma proposta de procedimento a partir da perspectiva fenomenológica. In M. M. P. Rodrigues, & P. R. M. Menandro (Orgs.), *Lógicas Metodológicas: Trajetos de Pesquisa em Psicologia* (pp. 71-92). GM Editora.
- Van Manen, M. (1990). Hermeneutic phenomenological reflection. In M. Van Manen, *Researching lived experience: Human science for an action sensitive pedagogy* (pp. 77-109). State University of New York Press.

Como Citar:

Schievano, B. A., & Goto, T. A. (2024). A psicoterapia humanista fenomenológica e existencial: Revisão sistemática qualitativa da literatura. *Revista Subjetividades*, 24(3), e14159. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v24i3.e14159>

Endereço para correspondência

Bruna Alves Schievano
E-mail: brupsico11@hotmail.com

Tommy Akira Goto
E-mail: tommy@ufu.br



Recebido: 20/12/2022

Revisado: 10/05/2024

Aceito: 18/08/2024

Publicado: 06/12/2024